

***Todos os nomes*, de José Saramago: o labirinto da linguagem que evoca a humanidade**

***All the names*, by José Saramago: the labyrinth of language that evokes humanity**

Gabriela Silva¹

Resumo: A obra de José Saramago tornou-se conhecida pela peculiaridade das narrativas que abordam temas significativos relacionados aos problemas dos homens com o seu tempo, como o medo da morte, a história e o seu peso na memória da sociedade, os sentimentos mais diversos e também os problemas que constituem a contemporaneidade. No ciclo de romances alegóricos, José Saramago escreve romances em que elabora uma crítica à sociedade voltada ao egoísmo, à solidão, ao consumismo desenfreado e às desigualdades. *Todos os nomes*, publicado em 1997, é um romance que trata da ideia do nome, em uma alusão à linguagem e à identidade revelada através do nome atribuído a cada indivíduo. A ideia do nome, e de tudo o que ele traz em si, está em Walter Benjamin em diversos textos, mas especificamente em *Escritos sobre mito e linguagem*. A partir das premissas benjaminianas e de textos críticos acerca da obra de José Saramago, este artigo apresenta uma leitura do romance *Todos os nomes*, estabelecendo relações entre a linguagem e a representação dos indivíduos que surgem a partir da constituição do nome.

Palavras-chave: Walter Benjamin. Linguagem. José Saramago.

Abstract: José Saramago's work became known for the peculiarity of the narratives that address significant themes related to men's problems with their time, such as fear of death, history and its weight in society's memory, the most diverse feelings and also the problems that constitute contemporaneity. In the cycle of allegorical novels, José Saramago writes novels in which he elaborates a critique of society focused on selfishness, loneliness, unbridled consumerism and inequalities. *All the names*, published in 1997, is a novel that deals with the idea of the name, in an allusion to the language and the identity revealed through the name attributed to each individual. The idea of the name and of everything it brings, is in Walter Benjamin in several texts, but specifically in *Escritos sobre mito e linguagem*. From the premises of Benjamin and critical texts about the work of José Saramago, this article presents a reading of the novel *All the names*, establishing relationships between language and the representation of individuals that is established in the constitution of the name.

Keywords: Walter Benjamin; language; José Saramago.

José Saramago é um dos mais importantes escritores portugueses do século XX. Sua obra é vasta em temas, em gêneros e também como um arcabouço de ideias e de modos de

¹ Doutora em Teoria da Literatura pela PUCRS. E-mail: gabrielasilvalit@gmail.com. Artigo recebido em 09/11/2020 e aceito em 05/01/2021.

ver o mundo e as relações humanas. A respeito do autor, Maria Alzira Seixo comenta que existe “a relação entre talento, trabalho e maturidade; relação entre condições econômicas e aperfeiçoamentos do trabalho literários; articulação do empenhamento político com uma imaginação integrativa do mundo e da vida esteticamente qualificada.” (1999, p.9). A definição da personalidade literária de José Saramago soma-se à sua própria visão da literatura como espaço para o desenvolvimento de um inventário de imagens, situações e simbolismos que representam o mundo real, em uma incessante busca pela reflexão, pelo enfrentamento e pela percepção das diferentes esferas que compõem a existência de homens e mulheres ao longo da história.

A respeito da sua própria trajetória como escritor e do alcance de sua obra, Saramago comenta em entrevista concedida a Carlos Reis:

O que eu quero é que se note nos meus livros que passou por este mundo um homem que se chamou José Saramago. Quero que isso se saiba, na leitura de meus livros; desejo que a leitura dos meus livros não seja a de uns quantos romances acrescentados à literatura, mas que neles não se perceba o sinal de uma pessoa. (2015, p.102)

E de fato é o que acontece quando nos entregamos ao estudo da ficção saramaguiana. Reconhece-se, sobretudo, a ideia fulcral do que o autor pretendia com suas narrativas: entender e criticar o comportamento dos homens, reconhecendo a estrutura das relações afetivas, sociais e históricas. Suas personagens representam seres que habitam o mundo real, nas mais diferentes constituições e interpretações da própria existência e também de tudo o que constitui a sociedade e o tempo em que vivem. Entre essas leituras propostas por Saramago, encontra-se o romance *Todos os nomes*.

O romance foi levado à estampa em 1997 e antecedeu o Prêmio Nobel, recebido pelo escritor português em 1998. É uma das obras que compõem o “ciclo de romances alegóricos”. De acordo com João Marques, o ciclo é composto por “narrativas acerca da irracionalidade de um mundo contemporâneo a serviço do mercado, do lucro e da competição.” (2010, p.148). Em *Todos os nomes*, Saramago oferece-nos um romance construído a partir da abordagem da relação entre o nome e a identidade do indivíduo.

A narrativa desenvolve-se em torno do funcionário público José, que trabalha na Conservatória Geral, local onde são registradas as existências de todas as pessoas. Colecionador de notícias de pessoas famosas, um dia ele se depara com o verbete de uma determinada mulher. A partir de então, desvia de sua vida monótona e repetitiva, iniciando uma busca por ela. Através de investigações, pequenos furtos de documentos e trocas de identidades, José acaba

por se apaixonar pelo objeto da sua busca. Malograda a missão de encontrar a mulher, a personagem retorna ao cotidiano de manter organizado o acervo de todos os nomes.

Maria Alzira Seixo, a respeito da fábula de *Todos os nomes*, comenta:

[...] o que faz com que a vida de uma determinada pessoa, de existência anódina e vulgar, se torne de forma imprevista no centro das atenções de um relato, que é como quem diz, de uma consciência e, sendo escrita, de uma comunidade? O que desperta uma consciência perceptiva, que não costuma perceber grande coisa além da rotina do seu trabalho regular num quotidiano desinteressante e solitário, para ser sensível a essa existência vulgar, e faz com que ela a adote como centro das suas preocupações e objetivos? (1999, p.133)

A procura do Sr. José é mais do que apenas a busca por uma figura integrante da lista de indivíduos que pertencem aos arquivos da Conservatória Geral, pois, antes de tudo, é uma “busca ontológica, gnoseológica e ética, fadada ao fracasso global, quando muito tendendo a recomeços continuados no universo opaco e alienado em que se está.” (MARQUES, 2010, p.155). É o que Saramago nos apresenta desde o início, antes mesmo das primeiras linhas do romance, na epígrafe – “Conheces o nome que te deram, não o nome que tens.” – retirada do suposto Livro das Evidências. A partir da frase, desencadeia-se uma narrativa alegórica perpassada por um pessimismo inegável.

A ausência de nomes também acontece nos romances *Ensaio sobre a cegueira* e *Ensaio sobre a lucidez*, substituída pela designação das personagens através de características peculiares de seus comportamentos e formas de pensar a vida: a mulher do médico, o médico, o ladrão, o primeiro cego, a mulher do segundo cego, a rapariga de olhos escuros, o menino e o velho da venda preta. Entretanto, em *Todos os nomes*, apenas uma personagem é nomeada, o Sr. José, enquanto as outras são definidas por suas ocupações: o conservador, o chefe, o subchefe, o médico, o enfermeiro, o diretor da escola, a senhora do rés-do-chão, entre outras. Isto nos lembra invariavelmente de Franz Kafka e de suas personagens, tais como o agrimensor, o chefe, o artista. Nomear seria, de fato, particularizar um indivíduo, ao passo que a ideia é mostrar que somos tipos, correspondendo a determinadas singularidades que nos colocam enfileirados ao lado de outros entes que possuem atributos semelhantes aos nossos. Conforme indica Maria Alzira Seixo, *Todos os nomes* “é um romance onde por sinal só há um nome, e talvez o mais comum dos nomes próprios, que é o da personagem principal, o Sr. José” (1999, p.133).

A Conservatória Geral acaba por ser, conforme indica Helena Carvalhão Buescu, um “microcosmo”, espaço que representa o mundo em suas peculiaridades mais significativas, sobretudo quando nos aproximamos da modalidade da burocracia, das atividades sequenciais e sem inspiração humanística. Alegoria do mundo em que vivemos, onde estamos presos a regras pré-estabelecidas, a Conservatória traz, em si, a imagem de conhecimento superficial e ordenado, onde os nomes são apenas indicativos:

Esta Conservatória Geral do Registo Civil pode, assim, ser entendida como um microcosmos, uma miniatura da sociedade humana: a disposição social reflecte uma disposição hierárquica imemorável e aparentemente inquestionável, distinguindo grupos que coabitam num mesmo espaço, embora ocupando posições funcionais diferentemente estratificadas e declinando uma escala [...]. Esta estratificação tem efeitos sobre a autoridade, o trabalho, as relações sociais e as expectativas criadas e cumpridas no interior deste universo que, como se disse, metaforicamente espelha o universo social. (BUESCU, 2001, 46-47)

Beatriz Berrini aponta algumas ideias interessantes acerca do romance de Saramago:

Comecemos por recordar este outro José, que é a única personagem com nome em Todos os nomes. Talvez tenha recebido esse nome que o identifica em lembrança do outro, daquela tão marcante figura de pai do Evangelho segundo Jesus Cristo. Ou será ele um representante do autor, que também tem esse prenome? Afinal o romance nasceu de um facto pessoal: a busca de Saramago por algumas instituições, a fim de encontrar os papéis relacionados com a morte de um irmão seu, ainda criança, papéis que não se encontravam nos estabelecimentos que deles deveriam ter notícia. Esse o ponto de partida para o romance que simultaneamente, é um ensaio e uma quase história de amor. [...] um nome bastante comum entre os portugueses o que terá levado o autor a valer-se dele, pois assim representaria melhor a geral condição humana: o sr. José é um homem comum, digno, não tendo diante de si um destino excepcional. (1999, p.180)

O Sr. José, o único nomeado no romance, trabalha na Conservatória Geral do Registo Civil, lugar onde estão as informações a respeito de todas as pessoas, como datas de nascimento, casamento, nascimento de filhos e morte. Labirinto de papéis e pó, a Conservatória exigia tanto de alguns funcionários, os quais precisavam pesquisar em lugares mais obscuros do espaço, o fio de Ariadne, ao ponto de se perderem e acabarem por morrer de fome, perdidos entre as pilhas de documentos. Os funcionários vivem a rotina enfadonha de escrever, catalogar e pesquisar pessoas. O ambiente da Conservatória é o espaço que desencadeia a narrativa, pois, entre as imensas estantes de documentos, estão *todos os nomes*. Assim, o Sr. José, funcionário da Conservatória, morador das traseiras do prédio, com apenas uma porta de comunicação entre

os ambientes, tem como passatempo colecionar recortes de jornais sobre pessoas famosas. É quando a história propriamente começa: ele decide complementar a sua coleção com algumas informações pessoais das personalidades. Ao recolher o material, depara-se com uma mulher desconhecida. Não era famosa, uma vez que, no verbete, constavam apenas a data de nascimento e a morada. Intrigado, decide investigar: o que há por trás de um nome absolutamente comum? Um nome distante dos famosos, um único verbete diferente da sua coleção.

Em “Sobre a linguagem em geral e a linguagem do homem”, Walter Benjamin propõe algumas ideias acerca do nome, as quais permitem uma associação direta com o romance de José Saramago.

O ser humano comunica a sua própria essência espiritual (na medida em que ela seja comunicável) ao nomear todas as outras coisas. Mas conhecemos outras linguagens que nomeiam as coisas? Que se faça aqui a objeção de que não conhecemos nenhuma outra linguagem que não seja a do homem, pois isso não é verdade. O que não conhecemos fora da linguagem é uma linguagem nomeadora; ao identificar linguagem nomeadora e linguagem em geral, a teoria da linguagem acaba por privar-se de suas percepções mais profundas. (2013, p. 54)

É próprio do homem a nomeação das coisas e dos sujeitos como forma de assegurar a própria comunicação. Ao nomear o outro, fica evidente o uso da linguagem e a decifração de um código conhecido. Ao não nomear o outro, mas designar-lhe por uma função ou característica, não se atribui a ele uma identidade propriamente dita, mas a indicação de que pertence a um determinado grupo ou pode ser designado por outros elementos, despersonalizando esse sujeito. O Sr. José é diferente da mulher desconhecida, tem casa e trabalho – o autor focaliza a atenção na personagem como o único detentor de um nome, e também de todos os nomes, por trabalhar na Conservatória. A singularização da personagem, proposta por Saramago, enuncia que a identidade particular não se esvai quando colocada entre outros nomes. É a história do Sr. José, enfiado entre nomes, documentos e datas, que se interessa por um indivíduo que se configura de maneira diferente do restante dos verbetes. A mulher desconhecida não precisa necessariamente de um nome, mas deve existir:

O verbete de uma mulher de trinta e seis anos, nascida naquela mesma cidade, dele constam dois averbamentos, um de casamento, outro de divórcio. Como este verbete há de certeza centenas no ficheiro, senão milhares, portanto não se compreende porque estará o Sr. José a olhar para ele com uma expressão tão estranha, que a primeira vista parece atenta, mas que também é vaga e inquieta, possivelmente é este o modo de olhar aonde poderá deitar a mão para tornar a segurar-se. (SARAMAGO, 1997, p. 37)

A partir de então, o sono lhe é roubado, e o seu único interesse torna-se a mulher desconhecida. A incógnita figura deveria ter uma série de elementos vitais, como emprego, casa, e mais ainda, um sentido por trás do nome que lhe é atribuído, o que está diretamente associado à ideia que precede a obra na epígrafe e a premissa de que o nome, assim como aponta Benjamin, tem muito a revelar a respeito do indivíduo e do que se pretende dizer sobre ele. O “nome que tens”:

O nome é a condensação dessa totalidade intensiva da língua como essência espiritual do homem. O homem é aquele que nomeia, nisso reconhecemos que por sua boca fala a pura língua. Toda a natureza, desde que se comunica, se comunica na língua, portanto, em última instância, no homem. Por isso, ele é senhor da natureza e pode nomear as coisas que ele, a partir de si mesmo, alcança o conhecimento delas – no nome. (BENJAMIN, 2013, p.56)

Conforme lembra Beatriz Berrini, o romance apresenta a questão de o nome ser uma coincidência com o nome do autor. O Sr. José, o sujeito que cuida de todos os nomes, passa a cuidar de um único nome, o qual lhe interessa, dando-se conta, durante esse tempo de procura, que a Conservatória ocupa-se apenas daquilo que podemos definir como uma parte ou camada do nome. “Toda linguagem humana é tão só reflexo da palavra no nome. O nome alcança tão pouco a palavra quanto o conhecimento, a criação.” (BENJAMIN, 2013, p.62). É o que Saramago procura expressar em *Todos os nomes*,

Além do seu nome próprio de José, o Sr. José também tem apelidos, dos mais correntes, sem extravagâncias onomásticas, um do lado do pai, outro do lado da mãe, segundo o normal, legitimamente transmitidos, como poderíamos no registo de nascimento existente na Conservatória se a substância do caso justificasse o interesse e se o resultado da averiguação pagasse o trabalho de confirmar o que já sabe. No entanto, por algum desconhecido motivo, se é que não decorre simplesmente da insignificância da personagem, quando ao Sr. José se lhe pergunta como se chama ou quando as circunstâncias lhe exigem que se apresente, Sou Fulano de Tal, nunca lhe serviu de nada pronunciar o nome completo, uma vez que os interlocutores só retêm na memória a primeira palavra dele, José, a que depois virão a acrescentar, ou não, dependendo do grau de confiança ou de cerimônia, a cortesia ou a familiaridade do tratamento. (SARAMAGO, 1997, p.19)

O mistério do nome próprio que se desenvolve no romance saramaguano lembramos o que é elucidado por João Barrento em suas leituras de Walter Benjamin. Para o autor, na questão do nome existe a relação entre o “ser” e o “chamar-se”, e qual o vínculo que se estabelece entre o indivíduo e nome. Barrento recupera uma premissa constante em O livro das passagens: “[...] o nome é objeto de uma mimese. Sem dúvida que é próprio da sua natureza

singular mostrar-se não naquilo que virá, mas sempre naquilo que já foi, que o mesmo é dizer: no que foi vivido.” (BENJAMIN apud BARRENTO, 2013, p. 10).

A Conservatória Geral do Registo Civil é uma alegoria do mundo real, onde os verbetes representam os indivíduos e suas existências repletas de atribuições de identidade, à guisa de uma particularização social. Assim, ao procurar o nome da mulher desconhecida – “mentora indirecta da revitalização anímica de José” (ARNAUT, 2008, p. 22) – dentro dos arquivos públicos e embrenhar-se num labirinto de informações da vida privada do objeto de curiosidade, o Sr. José irá buscar o que já foi vivido pela mulher, compondo o seu passado para assim, através desse traço hipotético, encontrá-la no presente. O nome da mulher desconhecida, o qual é sabido apenas pelo Sr. José, evoca um percurso de vida que não lhe é acessível no verbete da Conservatória, motivo que o leva a iniciar a tentativa de conjugar este determinado nome ao que poderia ser uma existência para além do que o nome enuncia quando se pode associá-lo ao indivíduo por ele identificado. Diz-nos Benjamin,

O nome é aquilo através do qual nada mais se comunica, e em que a própria língua se comunica a si mesma, e de modo absoluto. No nome, a essência espiritual que se comunica é a língua. Somente onde a essência espiritual em sua comunicação for a própria língua em sua absoluta totalidade, somente ali estará o nome somente. Assim, como parte do legado da linguagem humana, o nome garante que a língua é pura e simplesmente a essência espiritual do homem; e é somente por isso que o homem é, entre todos os seres dotados de espírito, o único cuja essência espiritual é plenamente comunicável. (2013, 56)

Portanto, conhecer um nome é uma ação de muito maior profundidade do que apenas enunciá-lo ou de uma maneira superficial atribuir-lhe um sentido, eis que “nada é alheio” (SARAMAGO, 1997, p. 63), diz-nos o romancista ao refletir sobre a ideia do significado de uma identidade através do nome e das suas peculiaridades, variantes para cada indivíduo nomeado. Os verbetes da Conservatória não acompanhavam qualquer evolução dos indivíduos, não há associação determinante a respeito das modificações cotidianas, complexas, causadas por diferentes eventos ao longo da vida. Vida e morte, intercalados por casamentos, são elementos coordenados e apontados como essenciais. Nada mais consta como excepcional ou relevante. O nome não traz em si nenhuma variação de sentido, mas é o nomeado, o indivíduo em si que carrega todas as marcas e mudanças, tanto físicas quanto espirituais: “[...] na Conservatória Geral só existiam palavras, na Conservatória Geral não se podia ver como tinham mudado e iam mudando as caras, quando o mais importante era precisamente isso, o que o tempo faz mudar, e não o nome, que nunca varia.” (SARAMAGO, 1997, p.112). O Sr.

José não sabe tudo a respeito da mulher desconhecida somente por lhe conhecer a data de nascimento, casamento e divórcio. Tudo está registrado na parte em que ele não conhece: a experiência no mundo, ou seja, aquilo que compõe o indivíduo a partir das suas vivências.

Todos os nomes aparentemente é uma narrativa banal, de um indivíduo com uma vida comum e monótona, que, em um determinado elemento, encontra, em um verbete qualquer da Conservatória, uma ocupação inusitada e que foge do que lhe é costumeiro e cotidiano. Entidade abstrata, a mulher desconhecida não tem nas linhas do verbete nenhuma informação que a desvincule de um apanhado de letras e números, atributos documentais que a tornam um indivíduo existente no mundo “real” e registrado por uma ordenação social e pública. No entanto, o que não pode ser aventado pelo verbete é toda a dor, solidão ou quaisquer outros sentimentos que a mulher desconhecida venha a sentir ou tenha sentido até o momento em que o Sr. José decide por conhecer-lhe o rosto e a história. O nome próprio, lembra-nos Barrento, é aquilo que o sujeito é e que reflete o vivido, o “substrato de uma existência”:

Quando Benjamin diz que “o nome só pode ser reconhecido em contextos de experiência”, quando sugere que somos nós que “nos ligamos a um nome” (por uma acção animada pelo impulso mimético), ou quando afirma que o brilho original do nome que corresponde ao Ser é objecto de uma “mimese” (“Ser” deve entender-se aqui como a vertente instrumental da linguagem), está a dizer que “eu” sou aquilo com que me identifico pela acção, pelo fazer (é isto que, para lá da objectividade das informações, salta aqui e ali dos próprios *curricula* que tem de elaborar: é possível lê-los como *tabulae* de ações que configuram uma vida sem nome, toda feita de interesses particulares que levam à acção, que neste caso é uma acção pensar e da escrita). (BARRENTO, 2013, p.14)

A mimese a qual Barrento relembra do pensamento benjaminiano remete-nos à ideia de que formamos, ou constituímos, uma narrativa pessoal. A mulher desconhecida é investigada pelo Sr. José em todas as peculiaridades da sua vida, quando este a procura no endereço que consta no verbete, em uma casa não mais habitada por ela, desde a escola – onde ele irá encontrar uma desconhecida jovem – até o momento em que ele se depara com a morte da mulher e o fim do desejo amoroso que surgira ao longo do período de investigação. Existia, por certo, uma maneira mais simples e rápida de encontrar a desconhecida, através da lista telefônica. Todavia, ao fazer isso, o Sr. José perdia a possibilidade de formar a “narrativa” da vida da personagem. Ao abrir o catálogo de números, primeiro o percorre com demora premeditada e, depois, acelera a busca pelo nome da mulher. Ao não encontrá-lo, demonstra uma alegria desencadeada pela ideia de que ela não possuísse nenhum tipo de referência e ele pudesse continuar sua pesquisa:

[...] o Sr. José não, o Sr. José arvora o sorriso irónico de quem, tendo sido mandado procurar algo que sabia não existir, egressa da busca com a frase nos lábios, Eu bem dizia, ou ela não tem telefone, ou não quer o nome na lista. A sua satisfação foi tal que, acto contínuo, sem perder tempo a pesar os prós e os contras, procurou o nome do pai da mulher desconhecida, e esse, sim, estava. Nem uma fibra do seu corpo estremeceu. Pelo contrário, decidido estava agora a queimar todas as pontes atrás de si, arrastado por um impulso que só os autênticos pesquisadores podem experimentar, buscou o nome do homem a quem a mulher desconhecida se havia divorciado, e também o encontrou. (SARAMAGO, 1997, p. 73)

A mulher era ainda alguém a ser investigado e decifrado, não obviamente exposto e catalogado em uma grande lista de pessoas comuns e que podiam de modo fácil serem reconhecidas e encontradas. A narrativa pensada pelo Sr. José, juntando pontos, imagens, informações e datas, poderia formar o “mapa” da existência da desconhecida, estabelecendo o próprio fio de Ariadne para encontrá-la,

Se tivesse aqui um mapa da cidade, já poderia assinalar os cinco primeiros pontos de passagem averiguados, dois na rua onde a menina do retrato nasceu, outro no colégio, agora estes, o princípio como o de todas as vidas, feitos de linhas, feitos de linhas quebradas, de cruzamentos, de intersecções, mas nunca de bifurcações, por que o espírito vai a lado nenhum sem as pernas do corpo, e o corpo não seria capaz de mover-se se lhe faltassem as asas do espírito. (SARAMAGO, 1997, p. 73-74)

A investigação do Sr. José leva-nos à configuração que Saramago procura determinar ao abordar o mundo burocrático e repetitivo, onde os indivíduos atendem mais pelas características que lhes são atribuídas pelos outros do que por aquelas que os constituem como seres únicos (ideia que também estará em *O homem duplicado*, publicado em 2002). Ao mesmo tempo em que o protagonista é um homem que trabalha em um sistema estabelecido a partir de um pensamento “enquadrado”, repetitivo e, sobretudo, com ações fixas e permanentes, ele também é um subversivo. Seu comportamento instaura na narrativa um movimento de ruptura com o sistema vigente, ao tentar romper uma forma de pensar os sujeitos que estão averbados na Conservatória. As pessoas famosas que compõem a coleção do Sr. José têm suas vidas noticiadas nos grandes jornais e revistas, há traços e destinos a serem seguidos e observados. A mulher desconhecida acaba por se opor a esse referencial de vida. Conforme aponta Maria Alzira Seixo, o processo investigativo do Sr. José é

[...] um percurso de busca, ou, como ele prefere dizer, de indagação, e, mesmo chegando à conclusão de que « tudo acaba no lixo» [...] e de que « nada no mundo tem sentido», não deixa de marcar a pertinência desse percurso pelas balizas institucionais entre as quais se move (a Escola, a Conservatória e o Cemitério). (1999, p. 135)

É um percurso que diretamente se relaciona com o nome e com tudo que nele existe e se configura como parte integrante da personalidade do nomeado. A procura é delimitada por espaços habitados pela mulher desconhecida, na forma de endereços e possíveis relações. Em seguida, o “investigador” Sr. José dirige-se à escola, estabelecendo, então, uma ordem peculiar: de uma localização provável, ou seja, uma referência espacial onde a personagem pudesse ser localizada (e não é, na verdade), parte para a Escola (o período formativo da mulher desconhecida), buscando imagens e informações sobre a “jovem” mulher desconhecida, uma figura anterior a do presente, agora com a aura de mistério intensificada. Conhecer esse tempo passado da mulher é como revelar segredos que lhe teriam sido obliterados em anotações que apenas dão conta de datas específicas em sua função de marcar o início e o fim da sua vida. A própria Conservatória torna-se o espaço da reflexão, em que o Sr. José, coloca todas as ideias em ordem, seguindo o exemplo do fio de Ariadne – é preciso uma ordenação, um sentido para seguir adiante. O destino não prescinde de que se possa girar a sua roda ao contrário. O fato é que a mulher desconhecida existe, e era preciso encontrá-la para complementar o nome e a significação dele no mundo:

A mulher desconhecida existia, o Sr. José queria encontrá-la, embora ela não apresentasse nenhuma especificidade (nenhuma ideia preexistente: bonita?, feia?, rica?, necessitada?, inteligente?, desinteressante?) e, quando sabe que ela morreu, continua a procurá-la junto dos familiares, em casa, e até no cemitério, mas agora é mesmo só um nome, que é o que aliás sempre foi, sem conjunto de hipóteses de existência tenham surgido a pouco e pouco (divorciada, infeliz, boa profissional, retraída), mas que não passam de hipóteses (simples esboços de possibilidades conjecturais, ainda aqui de conformação simbolista) e, quando o funcionário do cemitério lhe pergunta se ele se dirige ali para ter a certeza de que ela está morta, o Sr. José corrige: Não, a certeza de que esteve viva. (SEIXO, 1999, p. 137)

Por fim, ao descobrir que a mulher desconhecida havia morrido, o Sr. José vai ao Cemitério, no qual se entra “[...] por um edifício antigo cuja frente é irmã gêmea da fachada da Conservatória Geral do Registo Civil.” (SARAMAGO, 1997, p. 213) e onde o fio de Ariadne, à semelhança do uso na Conservatória, não funcionou muito bem, por se achar cortado inúmeras vezes. Mais uma vez forjando um falso pedido de informações a respeito da mulher, ele entra no espaço dos mortos. Encontra uma imensa quantidade de túmulos e divisões, caminhos perdidos e ilusões de trajetos semelhantes e repetidos, além de o pastor. A figura enigmática discute com o Sr. José a respeito dos nomes e da história contida em cada identificação tumular por ele trocada. O pastor alega que não é o número de registro, o túmulo ou os ossos esvaziados pelo tempo que formam as lembranças que os vivos têm dos mortos, e o motivo de lhes render

homenagens, mas a própria narrativa, o significado da sua existência enunciada através do nome. De novo o nome é relacionado ao que ele contém como memória, apontamento do que o indivíduo foi e como se mantém no espaço da memória. É necessário conhecer o indivíduo, muito mais do que o nome que o evoca. “A vida é que é sagrada, senhor auxiliar de escrita, pelo menos assim se diz.” (SARAMAGO, 1997, p. 240), diz-lhe o pastor ao ser questionado sobre a profanação dos túmulos e sobre a morte (sagrada para o Sr. José).

O fato é que o túmulo da mulher desconhecida estava lá, apresentando o último elemento de busca do Sr. José: fechar-lhe o destino, complementar aquilo que, para ele, era uma incógnita insolúvel. A procura demasiado lenta e complicada tardara o encontro, e ela, a mulher desconhecida, morrerá, matara-se na verdade, pois era depressiva e solitária (tal como o próprio Sr. José). A morte da mulher é percebida pelo auxiliar de escrita através da simples ordem dos verbetes, pois havia um lugar para os vivos e para os mortos. Se o verbete não estava onde deveria estar, era por que algo havia acontecido e ele ainda não sabia. A mulher morrerá e o verbete estava na parte que lhe competia na Conservatória. O encontro da lápide era, por fim, a certeza de que uma parte do seu desejo estava e permaneceria incompleto.

Teresa Cristina Cerdeira comenta acerca do movimento do Sr. José no Cemitério e do significado do espaço como campo indissociável da morte e do fim, ao mesmo tempo em que é uma realidade – espelho da Conservatória,

Duas modalidades absolutamente similares se constroem em paralelo e em espelho: de um lado a referência palpável da vida formada pela cidade e pelo cemitério, conjunto agora já sem separação dos vivos e dos mortos; e de outro, a história da vida, aquela que se escreve em verbetes de vivos e mortos entre as paredes da Conservatória. Cada um dos seres da primeira realidade – cemitério realidade – tem o seu equivalente no espaço escrito, que é a sua memória em papel e registro da sua história. Mas além disso, a própria estrutura e o funcionamento da Conservatória e do cemitério se respondem, como aliás, os próprios personagens que nele atuam. Como se refletem, seja como guardiões da tradição, seja na sua carnavalização que também pode ser a busca por uma nova ordem. (2000, p. 286-287)

Todo o conjunto de ações do Sr. José leva o leitor a dimensionar o real motivo da sua incansável e intrincada busca. É ele mesmo que, depois da visita ao Cemitério, em uma das conversas com o seu interlocutor constante, o teto do quarto (uma exteriorização da sua própria consciência), é confrontado pela real motivação do seu interesse pela mulher desconhecida: “Que não tinhas nenhum motivo para ires à procura dessa mulher, a não ser, A não ser o que, A não ser o amor, É preciso ser-se tecto para ter uma ideia tão absurda.” (SARAMAGO, 1997, p. 248). A discussão leva à ideia do conhecimento para que as relações e os afetos sejam

possíveis. A revelação do sentimento do Sr. José pela mulher desconhecida o faz pensar sobre o que era plausível, uma vez que ele não lhe conhecia (não que soubesse, pois podiam ter-se cruzado no ponto de ônibus ou em qualquer outro lugar). O coração, “motor e a sede dos afectos” (SARAMAGO, 1997, p. 248), era o responsável pela exaustiva e desmedida busca do Sr. José: “Querias vê-la, querias conhecê-la, e isso, concordes ou não, já era gostar.” (SARAMAGO, 1997, p. 248).

O nome não é, portanto, “[...] a última exclamação; é também a verdadeira interpelação da linguagem. Com isso, aparece no nome a lei essencial da linguagem, segundo a qual expressar-se a si mesmo e interpretar todas as outras coisas são um só movimento.” (BENJAMIN, 2013, p. 57). O deslocamento do Sr. José é o que dá sentido à narrativa, até mesmo ao próprio ato de narrar a sua história, apresentando a si mesmo, para apenas no final termos um outro narrador que encerra o seu percurso. Antes da mulher desconhecida, havia o auxiliar de escrita da Conservatória Geral, fazendo de forma repetida o mesmo trabalho por muitos anos, um homem solitário e triste, cercado de identidades que ele não acessa de uma maneira tridimensional e que tem por hábito colecionar verbetes e informações sobre pessoas famosas. A coleção não deixa de ser uma metonímia da Conservatória (assim como o Cemitério lhe serve de espelho). Morador das traseiras do edifício, o Sr. José carrega em si todos os nomes da Conservatória, é sua função saber localizar um nome entre os vivos e os mortos.

A enviesada fábula de *Todos os nomes* é, na verdade, uma linha determinante a ser seguida, um fio de Ariadne na sua mais simples representação: estamos sempre à procura de algo que nos complemente, explique ou que seja uma tentativa de elucidar a ideia que temos de nós mesmos e do outro. As personagens de José Saramago se opõem e se complementam, ambas estão ligadas pelo nome: por um lado, temos a mulher desconhecida, a quem não é revelado o amor ou a identidade de quem a ama; do outro lado, o Sr. José, que não pode revelar o amor que sente (o qual alega não sentir e tratar-se somente de curiosidade) e não consegue, também, conhecer a mulher que procura. Seus métodos de pesquisa e investigação, assim como a própria Conservatória, são lentos e minuciosos. Bastava procurar na lista telefônica e aproximar-se da mulher para que o mistério fosse resolvido. Era dar a conhecer-se para conhecer o outro. Ao fim e ao cabo, restaram “[...] as duas falas credenciais, os verbetes escolares da mulher desconhecida, o caderno de apontamentos, a capa de processo da Conservatória com os documentos oficiais.” (SARAMAGO, 1997, p. 276). Não havia nenhum diário, carta, foto ou maior registro da mulher por quem o Sr. José havia se apaixonado, e a

busca, terminada com a morte, trazia em si o automatismo do trabalho na Conservatória: era um desvio, bastava que fosse corrigido.

João Barrento lembra-nos que, para Benjamin, “O nome tem um papel fundamental no processo de conhecimento.” (2013, p. 51). Isto se dá por que, para Benjamin, “nomear é conhecer”. Existe, pois, o conhecimento empírico da identidade evocada através do nome, que se resolve através do encontro e da percepção física do outro, bem como a imersão no seu modo de vida e na sua relação com o mundo, seu passado e presente. A percepção do nome funciona como exercício de linguagem e criação, atribuindo-lhe um referencial que pode não ser conhecido, mas que oferece o complemento da aproximação, deixando de ser insuficiente como gesto de interpretação do outro. O absurdo arquivístico desdobra-se no próprio comportamento do Sr. José, personagem saramaguiana: ao iniciar a sua investigação, ele também se torna excessivamente burocrático na ordem e na forma de tentar encontrar a mulher desconhecida.

Leyla Perrone-Moisés interpreta a narrativa de José Saramago como uma história de amor:

A história do Sr. José é uma história de amor, sobre tal sentimento também se torna sabedora. O escrivão procura a mulher desconhecida, com quem aparentemente alimenta viver uma relação amorosa, mas fica claro desde o início de sua busca que ela é o seu próprio objeto, tal como no amor, que tem um objeto sempre imaginário. Temendo o desenlace da pesquisa, o Sr. José rejeita os caminhos mais simples, como a consulta à lista telefônica. (1999, p. 433)

O amor é a outra ponta do labirinto percorrido pelo Sr. José. De modo paradoxal, a natureza de “índice” do nome é o impasse do protagonista, que, ao conhecer todos os nomes, não consegue desvendar a identidade daquele que lhe desperta curiosidade e, ao final sabemos, o amor. Ana Paula Arnaut também aponta para o cerne da fábula de *Todos os nomes*: “[...] é uma reflexão sobre solidão, medos e subserviências, procuras e fugas, homens e mulheres, acasos e amor, ilusões e desilusões. Isto é, sobre a vida, sobre a condição humana.” (2008, p. 42).

Saramago, nos *Cadernos de Lanzarote*, escreve a respeito do romance e do que ele pode representar para a humanidade: “Literariamente, por que só de literatura é que estou falando aqui, talvez o romance possa restituir-nos essa vertigem suprema, o alto e o extático canto de uma humanidade que ainda não foi capaz, até hoje, de conciliar-se com a sua própria face.” (1998, p. 212-123). Portanto, o efeito da literatura parte de tudo o que ela pretende representar e ressignificar para a humanidade, na intenção de entender o sentido da natureza e da essência do comportamento dos indivíduos. A literatura é espelho, refletindo a linguagem e

Perspectivas - Revista do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da UFT - v. 5, n. 2 (2020)

o imaginário dos medos e demais sentimentos. *Todos os nomes* é uma história sobre o amor e sobre a busca ontológica pelo significado da existência do outro e a do próprio indivíduo que realiza tal busca. Isto nos lembra Octavio Paz em *O Arco e a Lira*, ao referir que, seja qual for a atividade do homem, ele acaba por transformar a matéria-prima de que dispõe, seja ela a cor, a pedra, os metais ou as palavras: “A operação transformadora consiste no seguinte: os materiais deixam o mundo cego da natureza para ingressar no mundo das obras, ou seja, no reino das significações.” (2012, p. 29). É o que nos diz também Benjamin: a própria significação é o processo final da nomeação, quase um poder divino, em que o homem se torna demiurgo de um universo de seres por ele engendrados através da palavra, do nome, para que então entenda e enuncie no interior desse espaço por ele criado.

Em *Todos os nomes*, Saramago opõe a personagem do Sr. José, a única a ser identificada por um nome, a todas as outras não nomeadas. Ao procurar a mulher desconhecida para além do verbete, em uma alegoria do mundo burocrático, ele se depara com tantos detalhes por conhecer e investigar que não lhe resta tempo para encontrá-la: a solidão do mundo antecipara o encontro, e a mulher desconhecida deixa de existir. Agora era deixar o verbete no espaço dos vivos, distante da morte real, nessa criação da linguagem representada pela existência do nome, na execução da linguagem que a evocação de um nome representa e tudo o que se diz dele e que acaba por fazer parte da sua essência. Através do nome, a mulher desconhecida, de algum modo, permaneceria viva.

Referências

ARNAUT, Ana Paula. *José Saramago*. Porto: Edições 70, 2008.

BARRENTO, João. *Limiares sobre Walter Benjamin*. Florianópolis: Editora UFSC, 2013.

BENJAMIN, Walter. *Escritos sobre mito e linguagem*. Organização, apresentação e notas de Jeanne Marie Gagnebin. Trad. Susana Kampf. São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2013.

BERRINI, Beatriz. *Ler Saramago, o romance*. Lisboa: Caminho, 1999.

BUESCU, Helena. O nome da escuridão do mundo: uma leitura de *Todos os Nomes*, de José Saramago, In: *Saramago*, Braga, Feira do Livro de Braga, 1999.

CERDEIRA, Teresa Cristina. *O avesso do bordado*. Lisboa: Caminho, 2000.

MARQUES, João. *Saramago-Biografia*. São Paulo: Leya, 2010.

PAZ, Octavio. *O arco e a lira*. Trad. Ari Roitman, Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. A ficção como desafio ao Registo Civil / Leyla Perrone-Moisés. In: *Revista Colóquio/Letras*. Ensaio, n.º 151/152, Jan. 1999, p. 429-439. Disponível em <http://coloquio.gulbenkian.pt/cat/sirius.exe/issueContentDisplay?n=151&p=429&o=p>

REIS, Carlos. *Diálogos com José Saramago*. Lisboa: Porto Editora, 2015.

SARAMAGO, José. *Todos os nomes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. *Cadernos de Lanzarote*. Lisboa: Caminho, 1998.

SEIXO, Maria Alzira. *Lugares da ficção em José Saramago*. Lisboa: INCM, 1999.